



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CARTA A UMA SENHORA.

SALAZAR, Adolfo

Ano: 1887 | Número: 4

Como citar este documento:

SALAZAR, Adolfo, Carta a uma senhora. *Revista de Guimarães*, 4 (3) Jul.-Set. 1887, p. 165-170.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

CARTA A UMA SENHORA

Exc.^{ma} snr.^a — Não posso deixar de applaudir a guerra que v. exc.^a, na sua ultima carta, move contra os defeitos, e ao mesmo tempo cumpre-me felicitá-la, não só pelas doutrinas que expende, mas também pelo modo magistral e proficiente como as estabelece.

Em tudo vou d'accordo com v. exc.^a, menos quando quer affirmar, que as qualidades, ao contrario dos defeitos, não podem ser submettidas á acção da critica. Labora v. exc.^a n'um erro, que, creio, v. exc.^a ha de vir a reconhecer. Ellas, as qualidades, se tal illusão concebessem, ficariam alteradas no seu character e vêl-as-hiamos bandearem-se com os defeitos, ou cahirem ainda em uma ordem muito inferior a elles, — porque pôde professar-se alguma sympathia por certos defeitos mais prejudiciaes áquelles que os têm do que aos outros, ao passo que a maioria das qualidades intolerantes são mais nocivas aos outros, do que áquelles que as possuem.

Ha muito tempo que os moralistas dizem, e não se cansam de repetir, que todo o excesso é um defeito. E, de facto, não existe uma só qualidade, uma só, que, chegada aos seus extremos limites, não degenera em defeito. A liberalidade convinha-se com a prodigalidade, enquanto que a economia tem por barreiras a parcimonia e a mesquinhez. A confiança confina com a inconsideração, assim como a prudencia pôde

transformar-se em desconfiança. Póde achar-se, d'esse modo, em cada faculdade bella e boa um corollario molesto, que é o ponto de contacto entre a qualidade e o defeito — primeira transformação por que passa aquella para tornar-se um vicio. Não se admire v. exc.^a, porque isso póde muito bem acontecer; um exemplo basta, talvez, para que fique convencida: lembre-se v. exc.^a que, se a economia se converte em parcimonia, esta é, por assim dizer, a chrysalida da avareza.

Combater os defeitos não basta; urge tambem velar pelas qualidades, saber dirigil-as, saber empregal-as. Esta applicação é ainda mais difficil do que a que consiste meramente em lutar com um grande defeito, de sobejo caracterisado, tão evidente que não comporte duvida alguma sobre a sua origem e suas consequencias. Como reconhecer o ponto preciso em que a qualidade, disfarçando-se habilmente, se passa para o inimigo? Como saber parar a tempo? Parar a tempo! Não será isso a mais difficil sciencia da vida? Os mais alevantados espiritos, os maiores conquistadores, os estadistas mais eminentes, e até — exemplo mais descoroçoador do que os precedentes — e até as mulheres mais habeis. . . não irá isso tudo esbarrar-se quando houver de se parar a tempo, no dominio da arte como nos campos de batalha, no exercicio do poder como na scena onde se colhem os triumphos mundanos?

No assumpto, que me occupa, ha, felizmente, uma regra infallivel, applicavel a todos os casos. Toda a pessoa, que de-seje sinceramente possuir virtudes, não com um fim egoista, mas para concorrer a um resultado mais nobre, por ser desinteressado, isto é, á paz e felicidade dos outros, poderá obviar ás transformações das suas virtudes em defeitos, por muito pouco que se esforce em sustal-as no ponto em que ellas possam empolgar o direito, a independencia, a satisfação de outrem. Talvez v. exc.^a não veja n'esta definição a necessidade clareza. Procurarei desenvolvê-la.

Ninguem, incontestavelmente, póde dirigir a v. exc.^a as invectivas que tantas mulheres por desgraça hoje merecem; v. exc.^a não vive unicamente para mudar de *toilettes*, para andar de visita em visita, de *soirée* em *soirée*, de passeio em passeio; tem amor á sua casa, quer muito ao trabalho, e a leitura, uma sã leitura, é o descanso e o recreio que prefere. Essas qualidades são tão raras! são tão bellas! mas, ainda que difficilmente, descobre-se-lhes o ponto a que a critica póde visar algum tanto. . . Consequentemente, elle existe; v. exc.^a vai convencer-se d'isso e dar-me razão — porque a fran-

queza e a justiça são predicados, que jámais vi separados de v. exc.^a

Assim como os defeitos, as qualidades caminham juntas, e, dando-se umas, não podiam as outras estar ausentes.

O ponto, que a critica vai attingir, é justamente aquelle que demanda o meu cuidado, aquelle em que devo applicar todos os esforços para conservar intactas as qualidades que tanto a honram, e que é necessario, portanto, preservar de toda a transformação damnosa. Está v. exc.^a bem certa, entregando-se completamente aos seus gostos, ás suas predilecções caseiras, que não consulta exclusivamente a sua propria conveniencia. . . que a não prefere á de seu marido, n'uma palavra? Se elle tem naturalmente propensões idênticas ás de v. exc.^a, claro está que nada posso encontrar que mereça censurar-se, pois a exaggeração das suas virtudes não se exerce em detrimento de ninguem. Mas se, pelo contrario, v. exc.^a lhe impõe uma existencia retrahida; se, para satisfazer á sua inclinação pessoal pelo isolamento, o priva de algumas distrações legitimas, não pensa v. exc.^a, como eu, que as suas qualidades passaram além dos justos limites? Não deverá soffrer alguns escrupulos, um pequeno remorso talvez? Não reconhece v. exc.^a a exactidão d'estas palavras, que podem arvorar-se em aphorismo: « Desde o momento em que uma qualidade se exerce em proveito exclusivo e em detrimento de outrem, transforma-se em defeito » ?

Talvez allegue em sua defeza que seu marido sempre se conformou com toda a docilidade ás tendencias de v. exc.^a, e que as suas predilecções se tornaram as d'elle. Quantos sacrificios não fazemos, minha senhora, para que a paz d'uma casa se não turbe! Quantas vezes nos furtamos a que nos avalliem a importancia d'esses sacrificios! É isto meritorio, sem duvida, mas sêl-o-ha para v. exc.^a? Para mim é ponto de fé que existe algures uma balauça, n'um dos pratos da qual se pesam as nossas virtudes, collocando-se no outro os damnos, as perturbações, os dissabores, as desordens que ellas originam. . . e o primeiro prato encontra-se sempre mais leve.

Demais, uma mulher tem tantos meios ao seu alcance para levar o marido a fazer o que ella quer! Póde, a seu bel-prazer, encher, até o ar que elle respira, de contrariedades microscopicas, que escapam á mais rigorosa analyse, mas concorrendo ao mesmo fim e abicando-o com certeza. Nem sempre se recusará a fazer uma visita, a dar um passeio distractivo, a aceitar um convite. . . Mas, por pequena que seja

a sua afeição ao *ménage*, ella annuirá a isso com uma tão má vontade pronunciada, levantará tantas difficuldades, transformal-as-ha em impossibilidades tão flagrantes, que o marido, comparando a distracção com o preço pelo qual lh'a querem fazer comprar, reconhece que faz uma compra dolosa — e é n'este ponto que se firma a espectativa da mulher. Ha symptomas de submissão, de renuncia aos gostos contrapostos aos d'ella? Immediatamente, a atmospheria, carregada de electricidade, desanuvia-se; o ar, no domicilio conjugal, torna-se mais respiravel; o rosto, de carregado, torna-se prazenteiro; as pequenas preferencias culinarias revelam-se á memoria, quando ha pouco ainda lhes oppunha uma obstinada distracção; o marido gosta d'um prato favorito? vê-o apparecer ao jantar, d'onde fôra banido; todas as asperidades da vida domestica, emfim, apagam-se como por encanto; aplanam-se as difficuldades; vencem-se os attritos; não resta mais do que viver uma vida suave, encantadora, felicissima... com-tanto que o marido tenha uma unica vontade — a de sua mulher.

Attente v. exc.*: todas essas attentões, todos esses cuidados que a esposa prodigalisa, respeitaveis em si mesmos, e constituindo qualidades apreciaveis, são viciados, porque coo-peram todos, não para a satisfação alheia, mas exclusivamente para satisfação propria. A principal qualidade, a primordial, porque contém a essencia de todas as outras, a que só pôde, julgo eu, inspirar sympathia e impôr o respeito, é a dedicação, é a generosidade, que sacrifica os gostos pessoais á satisfação de outrem, quando esta seja simplesmente racional e legitima.

Apresentaria ainda a v. exc.* muitos outros exemplos, quasi analogos a este, se quizesse procurar um pouco em volta de mim. Os paes devem instruir os filhos e dar-lhes uma educação boa e sã — nunca é demais repetil-o; mas acontece levarem esse dever a excesso prejudicial; para os preservar da ociosidade condemnam-os a um trabalho insano; para lhes evitar relações pouco exemplares e perigosas, impõem-lhes uma solidão absoluta. Não conheço melhor meio de detestar o trabalho do que a imposição do trabalho demasiao. Quando se chega a uma idade madura, descança-se do trabalho pelo trabalho; — mas a infancia e a mocidade têm precisão de outras distracções, e é uma quebra de dever fur-tar á vida dos rapazes essa bella época da vida, alegre, descuidosa, estabanada, exuberante de seiva. Não é com o iso-

lamento que se lhes pôde escudar do perigo o coração e o espirito; d'este modo, o perigo não seria evitado, antes retardado, e, pelo consequente, a gravidade d'elle augmentaria. É indispensavel, sem duvida, dar bons companheiros aos filhos, mas, sobretudo, cumpre obstar a que elles se conservem n'um isolamento, que, mais tarde, redundaria em innumerous perigos, pela inexperiencia que produz, ou pela insociabilidade que desenvolve. N'este ponto, tambem, vê-se, o excesso é um defeito. Um rapaz não fica defezo só pelo isolamento; emquanto está sob a tutela dos paes, estes podem facilmente combater o que se lhes ant'olha prejudicial na influencia exercida pelos companheiros; a sua experiencia pôde servir para formar a experiencia dos seus filhos e esclarecel-os. Mais tarde, quando se emanciparem e viverem entregues ás suas proprias forças, entrarão no mundo com uma confiança ou desconfiança excessiva d'elles ou dos outros — resultado inevitavel do excesso que presidiu á sua educação, e, graças ao isolamento em que os tiveram, vêem a soffrer as consequencias d'um grande numero de erros, antes que pensem devidamente, antes que hajam aprendido a viver com os seus semelhantes e a tomar na devida conta a sociedade a que pertencem.

V. exc.^a diz ter uma aversão profunda ás mulheres que compromettem o futuro dos filhos e arruinam os maridos com o luxo inutil. Applaudo vehementemente esse seu pensar nobilissimo! Santa e legitima aversão, essa! Mas, note, quede-se v. exc.^a no ponto preciso em que o excesso vá degenerar em defeito; tem mil vezes razão em invejivar os gastos superfluos e desnecessarios; mas seria injusta se imprecasse os uteis; entre estes figuram, desnecessario é dizel-o, todos os que têm por objecto o cuidado da nossa pessoa. A negligencia de si mesmo não é uma virtude, muito longe d'isso! É um defeito capital — na mulher principalmente, e ainda mais na mulher casada. Vai investir contra a dignidade exterior, que a mulher não tem direito de coarctar ou comprometter, porquanto pertence a ella só — pertence ao seu marido, aos seus filhos, aos seus paes tanto como a ella. Tornar-se ridicula é arriscar essa dignidade, e a mulher não pôde faltar aos cuidados que deve ao seu exterior sem se ridiculisar. Nada lhe valerá dizer, para desculpar o seu desleixo ou a sua parcimonia: — «Isso pôde lá servir para mim!... Na minha idade!...», porque a velhice pede mais cuidados ainda do que a mocidade. Não quero dizer que uma senhora idosa macaqueie a mocidade, mas que siga os usos sem os exagerar, sem aceitar as

multiplícipes extravagancias da moda, de modo que não exhiba gratuitamente um aspecto caduco, que facilmente se torna irrisório e grutesco. Talvez v. exc.^a julgue frívolas estas minhas considerações... Será injusta. O *mundo* carece de tempo para julgar caracteres e virtudes... julga segundo as exterioridades, e, devo confessar, nem sempre se engana.

A economia é a qualidade mais aproveitável ao bem-estar, á dignidade, á prosperidade d'uma familia. É necessario, comtudo, que olhemos aos seus confins, porque, além d'elles, reside um defeito detestando, composto de egoismo e de insensibilidade — a mesquinhez. Cumpre que a mulher saiba ser economica não só para augmentar a somma de gozos que pôde fruir sem arriscar o equilibrio dos seus haveres, mas, maiormente, para que possa, em occasiões opportunas, ser generosa á medida dos seus recursos. Quem ha ahí que pense ser uma virtude aquella economia que tem por alvo unico gozos egoistas, que muitissimas vezes alimentam satisfações á custa de privações alheias? Ninguem, certamente. Recusemos essa denominação ao calculo applicado a alimentar a sua parte com o que retira da parte estranha. Nada ha que se louve nem que se respeite nas qualidades que servem unicamente a fins egoistas. Que importa que F... seja virtuoso, se o bem que dimana da sua virtude só para elle reverte, não beneficiando a ninguém, não trazendo vantagem alguma aos outros? se, n'uma palavra, essa virtude não é mais que um habil egoismo, disfarçado n'uma bonissima qualidade?

Eis a pedra de toque, tanto das nossas qualidades como dos nossos defeitos: desde que umas ou os outros se propagam em detrimento de alguém, a censura vai feril-os, e essa censura é merecida e justa. Se valemos alguma cousa, é só pela justiça, pela generosidade sincera que exercemos com os nossos semelhantes. Fóra da justiça, da benevolencia, da sympathia, que lhes devemos nas nossas relações puramente mundanas, fóra do auxilio effícaz que elles encontram em nós em circumstancias preciosas, não ha senão qualidades negativas sempre, indoceis muitas vezes, desagradaveis ás vezes; e, quando possuímos sómente essas qualidades egoistas, acredite v. exc.^a, não sómos outra coisa mais do que... os sepulchros de que falla S. Matheus.

Creia-me

De v. exc.^a

criado muito respeitador

ADOLPHO SALAZAR.